



SESSÃO - 05

4. PEDRAS QUE RUGEM: NOTÍCIAS SOBRE SETE POVOS DAS MISSÕES

*Luiz Cláudio Bittencourt**

Resumo

O texto apresenta relato analítico e fotográfico de visita às ruínas dos “Setes Povos das Missões” pertencentes ao Brasil, próximos a divisa entre o Estado do Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai. Traz para o primeiro plano debate sobre patrimônio histórico, restauro e medidas de salvaguarda para acervos de interesse nacional e internacional. Trata de primeira abordagem sobre projeto de pesquisa maior elaborado para FAPESP através da linha de investigação que pretende abordar arquitetura e urbanismo “latino-americano”, tomando como objeto de estudo inicial os trinta povos das missões, projetados e construídos pela Companhia de Jesus.

Palavras-chave: arquitetura; restauro; patrimônio

Abstract

The text presents analytical and photographic report of visit to the ruins of “Setes Povos of the Missions” belonging to Brazil, close the boundary among the State of Rio Grande do Sul, Argentina and Paraguay. He/she brings for the first plan debate on historical patrimony, I restore and safeguard’s measures for collections of national and international interest. He/she treats of first approach on project of larger research elaborated for FAPESP through the investigation line that intends to approach architecture and “Latin-American” urbanization, taking as object of initial study the thirty people of the missions, projected and built by Jesus’ Company.

Keywords: architecture, restoration; heritage

* Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1980), especialista em Restauro Critério de Intervenção FUPAM (1986), especialista em arquivologia Centro de Memória da UNICAMP (1987), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1990), doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2000), pós-doutor pelo Instituto de Geociências da UNICAMP (2007). É professor do Curso de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da FAAC-UNESP-Bauru. Assessor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Ourinhos. Coordenador do Instituto de Pesquisas CIVITAS.



Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

Caminhar pelas ruínas dos sete povos missionários do Brasil é tarefa inquietante, provoca angústia melancólica e simultâneos desejos de juntar os fragmentos do território escolhido pelos jesuítas para a utopia civilizatória da selva e do selvagem no sertão que fora paraguaio.

O sonho edênico ao lado do gentio catequizado é suplantado pelos interesses laicos do saque espanhol e lusitano de todas as riquezas possíveis. Entre elas, a mais significativa, é claro, a montanha de prata do Potosi, mas havia também a própria terra e seus moradores, únicos capazes de delimitar fronteiras de posses.

A tragédia do resultado hoje observado revela, no primeiro momento, o estranhamento do mundo colonial secular interessado na extração máxima das riquezas possíveis canalizadas em direção à metrópole e à vida privada do colonizador. Se os jesuítas desejavam almas em troca da civilização papal, o colonizador local ou metropolitano deseja apenas corpos e terras.

O que aconteceu durante poucos séculos para formação desta paisagem desolada em que pedras lavradas em geometrias regulares, estranhas ao ambiente, enfrentam sozinhas o tempo, os homens e a natureza? Restos de colunas, vergas, obreiras, cunhais quem sabe? É difícil

identificar em rápidas visadas entre os objetos soltos no cenário apresentado, desenhado em arranjos arqueológicos ou aleatórios. Permanece o efeito ruínas, restos fortes e pesados, remetidos ao passado impreciso, de difícil compreensão e identificação no arranjo geral.

Algumas paredes resistem aqui e ali, sem ordem ou razão. Pedras de várias origens assentadas em aparelhos de cantaria ou rejuntas de argamassas de barro ou de pedras pequenas. Lavadas pelo tempo resistem pela dureza e peso próprios, comprimindo-se ao chão enfrentam a vontade dos locais de limpar tudo em benefício do novo, como o moderno, quando necessitava apagar para existir.

Não há memórias vivas possíveis entre os moradores de passado tão distante e tão etéreo, tudo é estranhamento, do cenário de objetos destruídos. Resta apenas a solidez e o peso das pedras, como leões magros fora do seu ambiente a rugirem de banzo em jaulas estreitas, são fantasmas, pálidas presenças de dignidades e imponências perdidas.

Excetuada da pequena intervenção de Lucio Costa em São Miguel¹, os restos dos setes povos revelam evidente falta de afetividade no sentido preciso apontado por Camillo Boito². Daí, talvez, a dificuldade de projetos de restauro que anime e recoloca para a vida contemporânea o sentido perdido das partes desses





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

colossos incrustados ao chão, sobras dos saques decorrentes das condições específicas do modelo de colonização ibérico e do modelo de urbanização da cidade contemporânea.

A dimensão urbana

As missões revelam também novas escalas e complexidades adquiridas pelos bens tombados, em que as cidades surgem como ambiente hostil ou solidário dependente de ações de salvaguardas ou de valorização dos acervos e monumentos, nesse ponto o papel do Estado e de interação das comunidades vizinhas ainda pode ajudar.

As reduções eram em sua origem núcleos de aldeamentos sem pretensão de chegar à cidade necessariamente, pois quando atingia limite de moradores uma nova redução era iniciada com os excedentes, a racionalidade geométrica esta aliada à racionalidade de ordem social, que estabelece limites precisos à vida “urbana” e seu crescimento ao lado da estrutura espacial e seu desenho. Neste espaço e neste modo de vida marcado pela simplicidade funcional e geométrica, quem define tudo são os jesuítas e o projeto de catequese, sobrando pouco para o aleatório ou discórdia, junto com o desenho urbanístico e arquitetônico vem também o planejamento social, moral, religioso e militar, cujo objetivo mais amplo é o controle do território na sua

dimensão local e regional.

A discrepância entre este modelo de urbanização, e os modelos ibéricos evidenciará o desaparecimento de um e a imposição do outro em momentos diferentes. Hoje vemos a solução vencedora articulada à fórmula tradicional que levou a constituição da cidade contemporânea. É a cidade fragmentada de base geométrica confusa e espaços organizados em função dos negócios imobiliários.

Este contexto comprime e ignora as ruínas como nos centros históricos das cidades industriais, onde os parques ferroviários e a arquitetura são cada vez mais apertados pela valorização imobiliária e as novas funções da cidade.

Os sítios, isolados ou no conjunto, revelam com facilidade estas ponderações. De início, como a Roma medieval, esvaziada de moradores e das funções dos edifícios da Urbis, perde também sua utilidade. A arquitetura é saqueada para construção da nova cidade, novo desenho urbano e outros edifícios são instalados sobre destroços e com os destroços. Nos povos onde surgiram cidades isto é evidente.

Em São Borja cidade de 62.000 habitantes³ nada resta, São Luis Gonzaga com 35.000 habitantes também. Santo Ângelo com 74.000 habitantes é caso curioso, como nas outras duas o traçado





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

da cidade engoliu o sítio original onde estava implantada a última redução dos sete povos, “Santo Ângelo Custódio”.

Hoje encontramos sobre o local das ruínas da igreja jesuítica original a construção do arquiteto austríaco Valentin Von Adamovich, que tem pretensão de reproduzir o projeto original das ruínas da igreja do sítio tombado da redução de São Miguel. É obra estranha no centro da cidade, apresenta efeitos surreais, agravados pelos achados arqueológicos em sua volta e no jardim da praça frontal.

A cor da pedra utilizada pela fachada e a solução tipológica lembra São Miguel, mas o resultado final surge como simulacro da original, fora de contexto e de qualidade arquitetônica inferior à própria igreja anterior, substituta da original pertencente à redução, cujas características externas lembram as igrejas jesuíticas portuguesas do litoral brasileiro.

O resultado hoje apresentado é instigante, pois o conjunto da praça orientado pelo desejo de edificar monumentos⁴ através da réplica ou invenções pueris revelam a destruição e o apagamento que houvera. Com intervenções simplificadas ao lado de levantamentos arqueológicos a população estabelece interações temporais entre sinais e significados desses objetos e a vida cotidiana dos moradores, em área da cidade que ainda é ponto de referência urbanística

da vida cidadina, com prefeitura, museu, escola, habitações e comércio em seu perímetro, perímetro que pertencera à praça central da redução.

A dimensão urbana e urbanística que eliminou os sítios de São Borja, São Luiz e consegue estabelecer vínculos em Santo Ângelo pela reconstrução, criação de monumentos e objetos arqueológicos de ruínas possui outra conotação em São Miguel e São Nicolau. Nestas pequenas cidades a pressão da urbanização é menor e as relações com as ruínas que ainda existem são diferentes.

As ruínas de São Miguel estão marcadas pela presença do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que fez destas monumento de valor nacional e internacional, quer pela sofisticação da cantaria e textura do esqueleto da igreja ainda bem delineado, ou pela delicada e corajosa intervenção de Lúcio Costa com o projeto do Museu e da casa do Caseiro em um dos cantos da praça.

É um caso evidenciado pela existência do projeto novo, que amplia e valoriza as ruínas, exemplo em que as medidas de salvaguardas observáveis por especialistas não terminam com as pesquisas históricas, arqueológicas ou obras de contenção e consolidação do objeto. Há necessidade de intervenções que consigam relacionar o bem com o tem-





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

po vivido de forma ativa, de modo que a contemplação apareça como momento de diálogo entre o novo e o antigo, em linguagem de fácil compreensão ao leigo.

É sem dúvida o principal sítio em termos de conservação e medidas de protetoras, mas as restrições provocadas pelas formas de urbanização contemporâneas já estão presentes no seu perímetro, envolvendo a área pelo traçado das ruas dos novos loteamentos. Situação que talvez tenha obrigado cercar o conjunto com alambrados, afastando e hostilizando as pedras transformadas em patrimônio histórico nacional e internacional já algum tempo. Assim o acervo surge como objetos estranhos, obscuros à compreensão do morador comum dedicado ao comércio local ou a vida rural. A população parece temer e admirar o cenário surreal de difícil articulação com o dia a dia dos seus vizinhos.

O turismo gerado absorvido pelas pousadas e hotéis sofisticados tangencia a cidade com valores distantes.

São Nicolau embora da mesma proporção de São Miguel, apresenta características diferentes, as ruínas não possuem a mesma sofisticação da cantaria ou unidade da igreja de São Miguel, são paredes soltas aqui e ali, pedras esparsas, fundações, drenagens de águas pluviais. A cidade pilhou o que pode para construir seus edifícios com aproveitamento das

pedras existentes, é possível encontrar pedaços das ruínas em casas simples ou sofisticadas como o interessante casarão do século XIX no limite do arruamento.

Ainda assim, as ruínas parecem estabelecer relações positivas do ponto de vista da integração com o desenho urbano e a população local, talvez pelo fato do arruamento abraçar o perímetro do que restou, ou pela presença de uma escola ao lado, ou pelas casas de moradia e igreja, talvez porque a comunidade estabeleça outras relações com o turismo que chega recentemente sem grandes projetos de hotelaria, dependendo de pequenas pousadas ou da hospedagem de particulares.

Do ponto de vista urbanístico as ruínas ficaram sobre o espaço que possui características de praça, elas não estão separadas por cercas ou alambrados, são permeáveis aos transeuntes, que convivem com naturalidade e aparente compreensão utilitária, aproximando seu significado histórico para cidade e para o sentido de patrimônio histórico.

A permeabilidade espacial e funcional da condição de praça é ampliada pelo projeto de jardim inserido de maneira confusa e ingênua por entre as ruínas, colocando o observador em condição de integração com passado estranho sempre mal explicado e de valor institucional reconhecido em diálogo formal com sa-





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

bores estéticos do momento vivido, acolhendo no mesmo cenário signos diferentes como o popular e o sofisticado.

Em São Nicolau onde a pequena cidade se faz presente, o meio urbano é tão hostil quanto nas demais, mas na outra mão o acolhimento da idéia do objeto estranho, arruinado em parte pela história e pelas necessidades da própria cidade, parece menos dolorido e de assimilação mais dócil pela comunidade de moradores.

São João e São Lourenço estão na outra ponta deste quadro apresentado. Aqui a paisagem é rural, a população é pouca e diluída entre sítios, vendas ou capelas. Não existe aperto do traçado de ruas ou da vida urbana, interesses imobiliários ocorrem em outra escala que não é a do lote ou do edifício urbano. Mas o cenário de desolação repete. Os ventos arrasadores das guerras, dos saques e do tempo estão presentes, apenas pedras brotando do chão em empenas de edifícios virtuais.

Nestes sítios preservados da urbanização, o arqueólogo parece encontrar terreno rico para organizar escavações sistemáticas sem camadas de história recente, é a condição do monumento isolado, laboratório perfeito. Mas o isolamento não costuma favorecer o patrimônio histórico ou projetos de restauro.

Nos dois casos, o visitante é recebido em pequeno portal da entrada. É intervenção arquitetônica simples, com pequena infra-estrutura de sanitários, suporte do vigia e sala para pequenos achados nas escavações e rápido relato primário sobre a história.

Ao entrar no sítio original, preservado por cercas de gado, o visitante encontra o mesmo cenário de pedras lavradas distribuídas sobre gramado estranho, a paisagem existente e ao chão original de terra batida. Aos poucos, o tapete verde conduz a interessantes passarelas em deques de madeira que separa o observador da condição aleatória. Aparentemente procura tratar os espaços como museu ao ar livre, com placas informativas a cada deslocamento. Apesar de não privilegiar olhar arquitetônico, a iniciativa valoriza o bem tombado pelo tratamento distanciado, evidenciando o precioso, aos poucos conduz o visitante na direção de delinear monumentos históricos de escala nacional.

Esta relação entre o objeto transformado em jóia intocável de características monumental sublima a percepção do olhar do visitante eventual, mas está longe da realidade local, que parece mais interessada na utilização dos cemitérios sobreviventes, que continuaram com seu uso ao longo dos séculos, evidenciando a importância do campo santo na aglutinação e constituição dos bairros rurais,





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

aldeias, vilas e cidades brasileiras.

Em quase todos os casos, fica evidente a dificuldade de proteger as ruínas da ação do tempo e da natureza juntos. Cerca de trezentos anos nos separam do momento em que os jesuítas cruzam o Rio Uruguai para constituir a linha em direção nordeste de São Borja a Santo Ângelo, pontas dos sete povos. Não é pouco, para o tempo dos homens e da natureza, entre as construções e destruições pela posse e domínio da terra as pedras lavradas são testemunhos da fúria humana aqui registrada, mas o que vemos hoje nos sítios de São Lourenço e São João é o domínio da natureza sobre a fábrica.

Retirados os eventos demarcados pelas intervenções arqueológicas, o cenário transformado em museu transpira abandono, raízes contorcidas coladas às pedras duramente lavradas, nuas de reboco, esmagam o resultado do trabalho que deveria ser revelado. É resultado na contramão da intenção de resgatar acervo que, pelo seu valor intrínseco, está transformado em patrimônio da humanidade⁵.

Restauro e patrimônio histórico

Neste texto, procuramos noticiar a cada passo, de maneira específica, algumas características sobre o papel do projeto de restauro e dos aspectos das ações de gestão institucional do patrimônio

histórico como ação de Estado nas medidas de salvaguarda de determinados bens tombados. Como no projeto de arquitetura e urbanismo e nas políticas públicas, toda generalização parece inadequada, suscitando erros que descolam o objeto do contexto delimitado pelo tempo, espaço e território.

Nestes casos, propostas devem seguir retóricas indutivas emanadas dos objetos tratados, sem prejuízo do repertório teórico temático que cada caso demanda⁶ do ponto de vista estético, social e político.

Em ralação às ruínas, procuramos grifar sua dimensão sublime de sugerir espaços em paisagens virtuais ou imaginárias, às vezes melancólicas, mas instigantes à curiosidade do passado ainda presente⁷. Deixá-las à deriva, ou consagrá-las às pesquisas historiográficas ou arqueológicas, parece pouco e não reverte processo de apagamento tão evidente nos casos aqui apresentados. Parece pouco restringi-las à publicações científicas ou ensaios fotográficos sofisticados apreciados em publicações especializadas ou de salas de espera.

A intervenção corajosa, contemporânea, didática, pode restabelecer interações eruditas e singelas que incomodam o observador leigo ou preparado, mas, sobretudo parece criar possibilidades de convivências entre a sabedoria prosaica





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

e o saber acadêmico, revivendo diálogos significados e valores latentes.

Afinal é difícil imaginar a Companhia de Jesus movimentando os recursos para instalar a civilização “cristã – guarani” no sertão latino americano, ao lado das águas mais cobiçadas do planeta⁸, sem o domínio preciso do significado que este território possuía e possui. Investimentos que custaram o fim dos Jesuítas e do seu projeto naquele momento, que certamente não caminhava na mesma direção do projeto de colonização que desaguou no modelo esgotado da realidade contemporânea.



Referências bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. *La europa de las capitales*. Barcelona: Skira, 1964.
- _____. *El concepto del espacio arquitectónico desde lo barroco a nuestros días*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- _____. *Clássico anti-clássico o renascimento de brunelleschi a brugel*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.
- _____. *História da arte italiana*. (3v.) São Paulo: Cosac & Naify, 2003
- BOITO, Camillo. *Os restauradores*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- CARENA, Carlos. *Ruína/Restauração* in: Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.
- COLLINS, George R.; Christiane C.. *Camillo sitte y el nacimiento de urbanismo moderno*, Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- COMAS, Carlos Eduardo (org.). *Lúcio Costa e as missões: um museu em São Miguel*. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS/IPHAN, 2007.
- COSTA, Lúcio. *Registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes, 1995.
- _____. *Arquitetura dos jesuítas no Brasil* in: *Arquitetura Religiosa*. São Paulo: FAU-USP/MEC/IPHAN, 1978.
- FRANKL, Paul. *Principios fundamentales de la historia de la arquitectura – el desarrollo de la arquitectura europea: 1420-1900*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- GONSALVES, Cristiane Souza. *Restauração arquitetônica: a experiência do Sphan em São Paulo 1937-1975*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.
- LE GOFF, Jaques. *Por amor às cidades*. São Paulo, UNESP, 1998.
- RUSKIN, John. *As pedras de Veneza*, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Las siete lámparas de la arquitectura*. Buenos Aires: Sadian, 1955.
- RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar, história e o futuro da cidade*. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006





Expressões Artístico-Culturais e Identidade Latino-Americana

Notas

¹ COMAS, Carlos Eduardo (org.). *Lúcio Costa e as missões: um museu em São Miguel*. Porto Alegre, PROPAR/UFRGS/IPHAN, 2007.

² O autor vincula critérios de restauração à atitude inicial de cultivar e desejar o bem com dignidade e respeito aos princípios constitutivos originais do objeto e valores estéticos de cada tempo e cada intervenção. BOITO, Camillo. *Os restauradores*. Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2008.

³ Os dados quantitativos foram retirados do IBGE censo de 2000 atualizado para 2007-2008, arredondando as centenas para cima, <http://www.ibge.gov.br>.

⁴ A idéia de monumento apresentada aqui pela segunda vez coaduna em parte com visão um tanto estática recentemente abordada (CHOAY, 2001), outros trabalhos enfocam o tema ligado a certa concepção de espaço (ARGAN, 1964 e 1973) e a monumentalidade como efeito provocado por esta concepção de espaço, desde a formação do Moderno Estado Nacional e o surgimento da “Cidade Capital”.

⁵ Sabemos que apenas o sítio de São Miguel é reconhecido pelo UNESCO, mas não podemos esquecer as recomendações da Carta de Veneza que ressalta a importância do conjunto para reconhecimento do monumento isolado.

⁶ Aplicação do raciocínio indutivo ou dedutivo decorre também de longa experiência sobre a cidade de Campinas

nos anos oitenta e noventa envolvendo Grupo Febre Amarela, constituição do Conselho do Patrimônio Cultural de Campinas, Fundação da Cidade e Instituto CIVITAS, além dos projetos de restauro do DCE-UNICAMP e Casa Grande e Tulha do arquiteto Antonio da Costa Santos. Ver: COSTA SANTOS, Antonio; BITTENCOURT, Luiz Cláudio. *Campinas, circunscrição e gênese*. V Seminário de História da Cidade e Urbanismo. Campinas: PUCC, 1998. COSTA SANTOS, Antonio; BITTENCOURT, Luiz Cláudio. *Restauro do DCE-UNICAMP. Tradição e ruptura - síntese de arte e cultura brasileiras*, São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, 1985. COSTA SANTOS, Antonio. *Campinas, das origens ao futuro: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Fundiaí (1732-1992)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. BITTENCOURT, Luiz Cláudio. RICANDO A CIDADE – *Cartografia histórica e desenho urbano de Campinas*. Campinas, Editora Arte Escrita/Centro de Memória UNICAMP/FAPESP, 2009.

⁷ CARENA, Carlos. *Ruína/restauro* in: Enciclopédia Einaudi, V. 1. Memória – História. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

⁸ ALMEIDA, André Ferrand. *Os jesuítas matemáticos e os mapas da América portuguesa (1720-1748)*. *Oceanos*, n. 40, p 79 – 92, 1999.

